

## Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (\*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

**Innocent Assogba** (Benim)  
**Alan Benjamin** (Estados Unidos)  
**Colia Clarke** (Estados Unidos)  
**Constantin Cretan** (Roménia)  
**Berthony Dupont** (Haiti)  
**Ney Ferreira** (Brasil)  
**Daniel Gluckstein** (França)  
**Rubina Jamil** (Paquistão)  
**Apo Leung** (China)  
**Gloria Gracida** (México)  
**M. A. Patil** (Índia)  
**Mandlenkosi Phangwa** (Azânia)  
**Klaus Schüller** (Alemanha)  
**Jung Sikhwa** (Coreia)  
**John Sweeney** (Grã-Bretanha)  
**Mark Vassilev** (Rússia)  
**Nambiath Vasudevan** (Índia)

(\*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

**A todos os correspondentes do Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária  
Aos militantes operários de todas as tendências do mundo inteiro**

2 de Outubro de 2020

Caros camaradas,

Reuniu-se a 2 de Outubro de 2020 o comité que se constituía no termo da Conferência Internacional contra a Guerra, a Exploração e o Trabalho Precário, realizada em Mumbai em Novembro de 2016.

**Como sabeis, emitimos um apelo a uma nova conferência internacional contra a guerra e a exploração, por uma Internacional Operária, que ficou marcada para 5 e 6 de Novembro de 2020 em Paris.**

Ao lançar o apelo, declaramos que *“a luta de classes continua a ser a força motriz da história. Afirmamos que o progresso da civilização humana, da paz e da democracia depende, em primeiro lugar, da capacidade dos explorados e oprimidos do mundo inteiro para manterem a independência das suas organizações.”*

Desde que o apelo saiu, inscreveram-no mais de 300 sindicalistas e militantes operários dos cinco continentes. É hoje mais intensa do que nunca a necessidade de fazer uma conferência deste tipo.

A impotência de todos os governos confrontados com a pandemia da Covid-19 é uma clara demonstração da incapacidade do sistema capitalista, à escala mundial e em cada país, para preservar as exigências elementares da civilização. A forma como a pandemia se propagou pelo mundo inteiro, causando centenas de milhares de mortes, açoitando com violência a maioria operária da humanidade e, principalmente, os seus sectores mais vulneráveis, representa um terrível auto de acusação deste sistema.

Em toda a parte, em vez de porem em campo as capacidades técnicas disponíveis para debelar a epidemia, as classes exploradoras aproveitaram-se, pelo contrário, dela para intensificar os ataques contra as condições de existência da maioria da população, dilataram o desemprego para níveis sem precedentes e assaltaram com brutalidade as conquistas da classe operária, as suas organizações e os seus direitos, no fito de destruí-los. Enquanto isso, a ameaça de guerra imperialista é mais forte do que quando lançámos o apelo. Porém, precisamente em virtude das necessidades do sistema capitalista, as consequências da pandemia criam uma situação em que cada continente — e, em grande medida, cada país — fica isolado e as relações entre os trabalhadores ficam, na prática, sujeitas ao confinamento. **Estas condições tornam impossível realizar uma autêntica conferência mundial aberta contra a guerra e a exploração, por uma Internacional Operária, na data inicialmente prevista.**

A conferência é demasiado importante para corrermos o risco de a deixar tornar-se numa conferência “enfezada”, cujos participantes seriam, na prática, seleccionados pelas decisões dos diferentes governos.

Não nos resta, assim, senão adiar a conferência para data a decidir mais tarde, durante o ano de 2021.

Propomos — conquanto não seja de momento possível marcar exactamente uma data para a conferência internacional — que a preparação da conferência entre de imediato numa fase mais activa.

Propomo-vos organizar, à escala internacional, um amplo inquérito operário. O inquérito permitirá colher os factos que acusam o regime capitalista falido e representará um apelo à luta pela independência do movimento operário, para pôr termo à sociedade da exploração.

Saudações solidárias

**O comité de acompanhamento do Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, constituído na Conferência de Mumbai (Novembro de 2016)**

No mundo inteiro, os trabalhadores e as suas organizações deparam-se — embora em formas que variam — com problemas decorrentes da pandemia, das suas consequências, das políticas governamentais e das posições tomadas pelo movimento operário.

Não escondemos querer, baseando-nos em factos, ilustrar o que nunca deixámos de dizer em todos os documentos do COI: o regime capitalista — assente na propriedade privada dos meios de produção — arrasta a sociedade como um todo para o abismo. A solução positiva para a crise sem precedentes que a humanidade atravessa está nas mãos da classe trabalhadora.

Isso põe em relevo a questão da independência do movimento operário relativamente à classe capitalista e aos governos que a servem.

Os resultados do presente inquérito dar-nos-ão material para prepararmos a segunda conferência internacional contra a guerra e a exploração, por uma Internacional Operária (que organizaremos, conforme nos comprometemos a fazer, logo que as condições de deslocação e reunião regressarem à normalidade).

A fim de facilitar a circulação dos documentos (em inglês, francês e espanhol) entre as organizações, grupos e militantes dos 53 países, de todas as tendências, que lançaram o apelo à conferência, pedimo-vos o favor de limitarem as vossas contribuições a 10.000 ou 20.000 caracteres (2.000 a 4.000 palavras).

País: .....

Data:.....

Redactor(a) do relatório: .....

- (1) Que consequências tem a crise sanitária para a população — muito em particular para a classe trabalhadora? Que efeitos tem a Covid-19 tido no emprego, quantos postos de trabalho se perderam?
- (2) Que números há disponíveis quanto ao número de mortes de trabalhadores em geral e muito particularmente de trabalhadores de “primeira linha”, incluindo médicos e outro pessoal hospitalar?
- (3) Que medidas tomaram ou deixaram de tomar os governos para fazer face à pandemia? Os patrões e os governos impuseram reduções de salários?
- (4) Que novos ataques aos direitos operários e à democracia fizeram patrões e governos durante o ano, aproveitando-se da pandemia?
- (5) Há anos que o número de trabalhadores do sector informal não pára de crescer. A luta contra o trabalho precário tem que levar o movimento operário a reflectir sobre a organização destes trabalhadores. Os trabalhadores do sector informal têm pago um pesado tributo à crise sanitária. Em que situação se encontram eles desde Março de 2020? E que reacções provocou isso?
- (6) As mulheres trabalhadoras também têm sido especialmente atingidas. São as primeiras a perder o trabalho, as últimas a voltar para a empresa quando as portas se reabrem. Ficam com o encargo de seguirem as crianças privadas de escola. As violências conjugais aumentam com o isolamento social. Que manifestações há de tudo isto? Que mobilizações se têm produzido em defesa dos direitos das mulheres trabalhadoras?
- (7) Com as novas tecnologias, os capitalistas desarticulam as relações laborais, reestruturam e despedem. Que efeitos têm tido e que ameaças pesam sobre as relações laborais no período mais próximo?
- (8) Que posição tomaram as organizações operárias e as suas direcções durante este período? Que reivindicações houve? Que atitude tomaram a respeito dos planos dos patrões e dos governos?